



Escrever, você escuta
alguma coisa.

Comecei a escrever sozinho.

Coloco no que escrevo
o meu mundo.

Nós temos de trabalhar
com os materiais da vida.

Mas eu me reconheço
em todos os livros.

Ler e escrever parte de
uma necessidade,
nada mais que isso.

A leitura precede
a literatura.

A vida fica melhor escrevendo.

Para mim o mais importante
é a minha relação
com a escrita.

"Vai meu circo pela estrada,
dois emblemas me servem
de estandarte,

no Sertão,
o arraial de bacamarte,

na cidade, a favela consagrada,

dentro do circo, há vida
onça malhada,

ao luzir do teatro pelo belo,

transforma-se num sonho,
palco e prelo

e é ao som
deste canto na garganta

que a cortina do circo
se levanta

para mostrar
meu povo e seu castelo."

Eu peço desculpa a vocês,
minha voz é desse jeito,

os que já me ouviram
sabem disso,

minha voz é horrorosa,
fraca, feia, baixa e roca.

Desde que eu comecei a
falar, só falo sobre um tema,

que chama-se raiz popular
da cultura brasileira.

Eu falo mais na cultura popular,
porque ela é mais discriminada.

Mas eu dou importância a
toda cultura brasileira.

Por exemplo, eu tenho
uma admiração por
Euclides da Cunha enorme,

por Villa Lobos, enorme.

E outra coisa, não é nem
só pela cultura brasileira,

eu tenho interesse pela
cultura toda, do mundo.

às vezes as pessoas pensam
que eu tenho hostilidade

à cultura dos outros países,
não tenho, nenhuma.

Seria até um ingrato.

Porque eu devo muito,
na minha formação,

eu devo muito a Molière,
que era francês.

A Gogol, Dostoiévski,
que eram russos.

A Tolstói também
e Tchekhov.

Devo muito a Cervantes,

Santa Teresa e Calderón
que eram espanhóis.

Então eu não tenho nada
contra esses artistas,

grandes artistas da
cultura universal,

nenhum preconceito,
nenhum,

pelo contrário, eu tenho nada
contra os grandes escritores

em qualquer lugar do mundo,
inclusive porque eu acho
que ser humano é o mesmo,

em todo lugar.

Eu digo às vezes, brincando
quem me conhece sabe disso,

que eu divido a humanidade

em duas metades,

de um lado estão os que
concordam comigo e gostam
de mim.

Do outro estão os
equivocados.

Um equivocado do Recife,
outro dia disse

que eu precisava tomar
conhecimento

de que o nordestino

não anda mais a cavalo,
anda de moto.

E que isso tornava tudo o
que eu escrevi ultrapassado.

Aí, eu disse,
"Não estou me comparando
com Cervantes, não,

mas não me consta que
Dom Quixote e Sancho andassem
montado em moto, não."

Eles andavam a cavalo e
a gente ainda hoje lê.

Quer dizer, o que importa
é que a obra seja boa,

não importa o tempo em que
ela foi escrita não.

E outra coisa que você
precisa saber,

é que o homem que montava
cavalo é o mesmo homem

que monta hoje, de moto.

Porque os problemas do homem são os mesmos em todo lugar do mundo.

O que muda são as circunstâncias.

Essas circunstâncias são por fundamento, importantes.

Eu acho mesmo que não existe nenhuma obra universal, que seja universal.

No começo, ela é mais do que nacional, ela é local.

O Dom Quixote só podia ser escrito

por um espanhol de Castela.

Então o livro na hora que nasceu, era um livro da Castela espanhola.

Agora, ela é universal por causa do gênio de Cervantes

e da quantidade de sonho humano que existe ali.

E que é o mesmo, esse sonho humano é o mesmo.

Como os problemas do homem são os mesmos.

Quais são os problemas do homem?

Morte, que é o mais democrático

de todos, atinge a todo mundo.

Morte, sofrimento,
injustiça, amor, ciúme.

É por isso que quando eu
leio um livro russo,

eu não quero encontrar um
livro que podia ser escrito

em Hamburgo
ou Nova York, não.

Eu quero aquele livro, com o
ser humano, que é o mesmo,

com as circunstâncias russas.

O ser humano está sujeito a
esses problemas todos
que eu disse

em qualquer lugar do mundo.

E monte ele a cavalo ou de
moto ou a pé.

Não me consta que se eu
estiver de moto escape
da morte, não me parece.

E o grande poeta popular
brasileiro e nordestino,

que foi
Leandro Gomes de Barros,

formulou em três sextilhas
esses problemas

com uma simplicidade,
um poder que eu acho
admirável.

Veja que beleza.

Ele é o autor,
Leandro Gomes de Barros,

ele é o autor do folheto
principal no qual

eu me baseei para fazer o
Auto da Compadecida.

Veja que coisa bonita.

Se ao conversasse com Deus,

iria lhe perguntar porque é
que sofremos tanto

quando viemos para cá.

Que dívida é essa que a gente
tem que morrer para pagar?

Perguntaria também,
como é que ele é feito,

que não dorme, que não come
e assim vive satisfeito.

Porque foi que ele não fez
a gente do mesmo jeito?

Porque existem uns felizes
e outros que sofrem tanto?

Nascidos do mesmo jeito,
morando no mesmo canto.

Quem foi temperar o choro
e acabou salgando o prato?

Em três sextilhas ele
resumiu o problema central

de todas as filosofias,

de todas as religiões.

Por que é que sofremos tanto?
Por que o sofrimento humano?

Como conciliar o sofrimento
humano com a misericórdia
e a bondade de Deus?

Eu disse isso e me lembrei,
gosto sempre de temperar
a reflexão filosófica

com uma coisa mais da linha

do risível, do cômico,
do humorístico.

Na minha terra, Taperoá,
Sertão da Paraíba,

tem um herege.

E ele faz muita questão
de distinguir,

ele fica danado quando
chamam ele de ateu.

Eu não sou ateu não, ateu
é quem não acredita em Deus.

Eu acredito,
só que não simpatizo.

Vocês imaginam,
não simpatizar com Deus.

Ele se chama Galdino, ele é
o herege oficial de Taperoá.

Porque cidade pequena
tem isso, né?

Tem o herege oficial,

o doido oficial,
o bêbado oficial.

O bêbado oficial de Taperoá
chama-se Teoria,

ele tem o apelido de Teoria
porque vive dizendo,

"O povo por aí bebe por vício,
eu, não, eu bebo porque
tenho uma teoria para isso."

Botaram o apelido dele
de Teoria.

Aí um dia me deu
curiosidade, eu disse,

"Teoria, que teoria é essa?"

Ele disse: "Ariano, é porque
existe sempre uma tristeza
para se olvidar

e uma alegria para se celebrar."

Às vezes as pessoas dizem,
"Ariano, você tem uma
imaginação...",

tenho nada, eu copio,
copio o que eu vejo lá,

é cada tipo que tem no sertão.

Como sempre eu começo
a rodear, eu gosto é de
contar história.

Cadê o Ofício da Palavra,
chama lá.

Então eu fui criado nesse
ambiente, tá certo?

Ouvindo essas histórias,

e vendo esses tipos, e
esses tipos são humanos.

Aí, pensei comigo, "Não
queria fazer nenhum teatro,

nenhum romance, nenhuma poesia

que imitasse nem os
americanos nem os ingleses.

Eu queria fazer um teatro,
um romance, uma poesia

que expressasse nosso país
e nosso povo."

Isso eu não abri mão, não,
desde pequeno, desde muito novo.

Eu comecei a escrever aos
doze anos de idade.

E aí me vi muito naturalmente
diante do folheto de cordel.

Que era uma literatura
feita pelo povo.

Machado de Assis dizia que
no Brasil existem dois países.

O país oficial e um país real.

Eu entendo o país oficial o
país nosso, dos privilegiados.

E o país real, o país dos
despossuídos.

Dizia ele: "O país real é bom.

Revela os melhores instintos.

Mas o país oficial
é caricato e burlesco."

E é mesmo, infelizmente.

A classe dirigente brasileira
às vezes chega a ser cômica.

É uma coisa triste.

E o povo continua bom,
dotado dos melhores instintos.

E é quem sustenta esse país.

É o trabalhador do dia a dia,
é o camponês, é o operário.

Eu fui formado lendo as
palavras de um grande brasileiro

chamado Alceu Amoroso Lima.

As palavras dele eram ainda
mais importantes porque ele

não era nem nordestino
nem mineiro.

Ele dizia o seguinte,

"Do nordeste para Minas corre
um eixo que não por acaso

segue o curso do
rio São Francisco,
o rio da unidade nacional.

A esse eixo o Brasil tem
que voltar de vez em quando

se não quiser se esquecer
que é Brasil."

Eu levei isso em conta.

Que é a coisa que eu acho
mais bonita do povo brasileiro

que é essa unidade
na diversidade,

a gente tem descendente de
português, de negro, de índio,

de suíço, de japonês

e eu procuro
me manter fiel a isso.

Eu não gosto de viajar.

Tem gente que pensa que eu
só não gosto de viajar de avião,

eu não gosto de viajar de
jeito nenhum, eu gosto de
ficar em casa.

Sou um sujeito caseiro.

Sou casado com uma mulher
linda, tenho uma família linda,

minha casa é linda,

vou sair por aí procurando
sarna pare me coçar?

Eu faço isso porque meti na
cabeça que o povo brasileiro

tinha me encarregado
de uma missão

que era defender a cultura
brasileira e o povo brasileiro

em todo lugar que eu ia.

Eu fico até às vezes
preocupado,

é uma coisa pretensiosa
da minha parte,

mas eu meti isso na cabeça.

E eu fico, sobretudo, com medo,

porque corre uma história dessas
brasileiras que eu acho ótima.

Diz que dois doidos
passaram um pelo outro
no corredor do hospício,

aí, um disse para o outro,
"Cadê a continência?"

O outro disse: "Continência?
Por que que eu vou fazer
continência para você?"

Aí ele disse: "Porque eu sou o
Imperador Napoleão Bonaparte."

O outro disse: "Deixa de
conversa, tu é lá o
Imperador Napoleão,

quem foi que
te nomeou Imperador?"

Aí ele disse: "Jesus Cristo."

O outro disse: "Eu?"

[Plateia ri]

Eu às vezes fico com medo,
essa pretensão de que o
povo brasileiro

me encarregou dessa missão,
eu tenho medo de que o
povo diga: "Eu?".

Pois bem, para mostrar ao
povo brasileiro em geral e
nordestino em particular

que nós temos
uma arte de qualidade
e somos um grande povo

que merecemos uma arte
melhor do que essa

que vive despejando
na gente de goela abaixo
todo dia por aí.



Eu fui professor de
filosofia da arte,

conheci a teoria do cômico
de Freud.

Ele diz que a gente ri
quando descobre por baixo

de palavras de aparência
inocente um sentido obsceno.

Ele define o cômico como
sendo a revelação

do sexual por baixo
do simbólico.

Não há dúvidas de que essa
é uma das maneiras da gente
criar o cômico.

Mas não é a única maneira.

Eu não gosto de palavrão.

Eu não gosto porque acho vulgar,
grosseiro e sem graça.

Eu só acho graça numa
obscenidade quando ela é
dita com inteligência.

Quando se faz isso que
Freud disse,

quando a gente revela o
obsceno por baixo do
simbólico.

Molière é um grande
dramaturgo francês,

ele dizia, falando sobre a
importância do cômico.

Molière dizia, "Não existe
tirania que resista a uma
gargalhada

que dê três voltas
ao redor dela."

E é mesmo.

O riso desmoraliza.

Porque todo tirano
tem cara fechada.

O riso é uma coisa de gente
incapaz de tyrannizar,

de matar, de fazer brutalidade.

O riso é uma coisa sadia, boa.

Eu me sinto bem quando rio
e me sinto bem quando faço rir.

Vocês não sabem que alegria
me dão.

É porque quando eu era
pequeno,

eu tinha dois encantos na vida.

Um era a leitura, e é por
isso que eu tenho pena...

não deixa a leitura, não,
não digo isso por mim nem
pelos outros escritores.

É por vocês mesmos.

Se a gente deixar a leitura...

Outro dia uma mulher
foi lá em casa me dizer

que o livro está ultrapassado,

isso é coisa que ninguém
diga para um escritor.

"Essas besteirinhas que você
faz está tudo ultrapassado."

"Mas ultrapassado por quê?"
Ela disse: "Por causa
do computador.

Computador ultrapassou
o livro."

Eu disse: "Enquanto existir
gente como eu, o livro
não vai ultrapassar, não.

Porque eu gosto
do objeto o livro.

Outra coisa, eu só gosto de
ler deitado,

e eu não vou ter que ficar
embolando com o computador
na cama.

Então era o grande encanto.

Vocês não imaginam a
alegria que eu sentia.

Eu passava a manhã na
escola, almoçava quando
chegava em casa,

me deitava na cama e abria
o livro,

era como se um mundo novo
se abrisse dentro de mim,

um mundo mais animado
do que o mundo comum.

A outra alegria que eu
tinha era o circo, que
coisa é o circo.

Reparem que beleza.
Palavras de...

"Para mim o circo era
um espetáculo mágico

que fundava todo
um universo.

Além disso, o mundo
do circo tinha uma face
inquietante,

profunda, secreta.

Aqueles palhaços,

aquelas equilibristas,
aqueles acrobatas,

instalaram-se de uma vez
para sempre
em minhas visões.

Porque suas máscaras
me perturbavam tanto.

É que com elas
eu me aproximava de outros
horizontes."

É isso que ele dizia do
livro também,

o livro e o circo,
eles abrem novos horizontes
na frente da gente.

Era um nome mágico,
para mim também,

aquele do circo, um
jogo milenar que se dançava

um jogo em que os atores,
as gargalhadas, as caretas,

os saltos e os passos de dança

às vezes tomavam a forma
de uma grande arte."

Existem três tipos
de artes principais.

As artes espaciais,
as artes temporais

e as artes chamadas de síntese,
as artes de espetáculo.

As artes espaciais
principais são

a pintura, a escultura e
a arquitetura.

As artes temporais são a
dança e a literatura.

E as artes de síntese são
o teatro, o cinema,

a ópera, o balé e o circo.

"Às vezes tomava forma de
uma grande arte.

Mas ao lado de sua face
cômica, lírica e divertida,

o circo era também uma
encenação trágica.

Através dos séculos,
ouvia-se dele o grito mais
agudo e pungente

da busca da alegria do homem."

Que coisa linda.

"Em tais momentos eu tinha
a impressão de no picadeiro

estar vendo Dom Quixote
em busca do seu ideal,

e seu criador, Cervantes,
como o palhaço genial

que fundindo o doloroso

e o risível

chorara e sonhara
o amor humano."

Não é bonito isso?

Eu comecei a querer ser
um desses.

Os escritores para mim
se transformaram
em pessoas míticas,

e eu disse:
"É o que eu quero ser."

Esse primeiro conto que
eu escrevi,

contava a história de um
marido que tinha ido para
uma guerra.

Quando ele voltava,
encontrava a mulher com outro,

matava os dois e se suicidava,

não sobrou ninguém.
Mas que conto horroroso.

Mas é até engraçado.

Você vê como
a biografia do autor,

até sem ele ter consciência,

a primeira pessoa
que eu vi assassinada,

foi uma mulher morta pelo
marido por ciúme

e ele estava voltando daqui
do Sul,

da Revolução de São Paulo,

ele tinha vindo tomar parte
da Revolução de São Paulo,

eu tinha cinco anos,
em 1932.

Quando ele voltou teve a
notícia de que a mulher o
tinha traído na ausência,

matou a mulher,
só que não se suicidou, não,
e foi embora.

Contra a opinião de mamãe,
mamãe proibiu, mas eu fui
ver escondido,

me arrependi muito, como
sempre acontecia quando
desobedecia ela.

De noite não havia jeito
de dormir,

era vendo o rosto
da mulher morta.

Então sem eu tomar
conhecimento daquilo,

era essa história que eu
estava tentando reproduzir.

E escrevi tragédias,
tragédias.

Eu tive um começo de vida
muito duro,

meu pai foi assassinado,
eu tinha treze anos de idade.

E a maneira que eu fiquei
por causa disso,

eu fiquei muito tenso,
muito amarrado,

as primeiras peças eu só
escrevia sobre o doloroso.

O dramático ou o trágico.

No comportamento humano
tem dois campos que
interessam à arte,

o do doloroso e o do
risível, do riso, cômico.

No campo do doloroso, as
categorias mais importantes
são o trágico e o dramático.

No campo do risível são o
cômico e o humorístico.

Eu só escrevia peças
dramáticas ou trágicas.

Até que eu encontrei
minha mulher.

Foi o dia mais importante
da minha vida.

E vocês vejam, ela é uma
mulher linda

e se encantou comigo, que
eu me encantasse com ela,
tudo certo.

Mas ela se encantar comigo?

Eu vinha numa rua em
Recife, chamada Rua Nove,

Aí, de repente, vocês não vão
acreditar, a rua se iluminou.

Quando eu olhei, estava uma
loirinha e olhando para mim

com cara de alma que está
querendo reza.

Aí eu fiquei encantado.

Cheguei em casa e disse,
"Olha, hoje eu vi
uma menina linda

e olhou para mim com cara
de quem estava
encantada comigo."

Aí, minha irmã
mais velha disse:

"Deixe de ser pedante,
pretencioso,

que mulher bonita não olha
para você desse jeito."

Eu disse: "Estava olhando, sim."

A impressão que eu tinha
era que a minha infância
atormentada

tinha dado
um nó no meu peito,

e eu era serrado e tenso,
diante do mundo,

ai Zélia me abriu para a

beleza e alegria do mundo.

E descobri como é bom a gente
rir, fazer os outros rirem,

a gente sai mais fraterno
quando a gente ri.

Às vezes a gente usa o riso
com uma certa crueldade.

Eu depois de velho estou
mais sereno,

mas quando faziam uma crítica
a mim quando eu era jovem,

podia esperar, no próximo
livro vinha uma resposta.

Mas agora eu estou mais
compreensível,

a velhice tem desvantagem
mas tem vantagem também.

Estou chegando nessa idade

e estou mais sereno,
mais compreensível

e rindo menos das pessoas,

procurando rir mais
com as pessoas

e não rir das pessoas.

